



# EXCESSOS EM TERRA TEMPESTADE NO MAR





O mar é quem mais paga pelos nossos pecados ambientais. Da poluição à sobrepesca, passando pelas alterações climáticas, a Humanidade está a pôr em risco a biodiversidade marinha como já não acontecia desde a última grande extinção, que matou 75% da vida no planeta, incluindo os dinossauros. Mas também já começamos a sofrer as represálias desses impactos – a subida do nível das águas e a escassez de peixe são uma ameaça cada vez mais real para milhões de pessoas. O que podemos ainda fazer para salvar os oceanos?

 LUÍS RIBEIRO





# VISÃO VERDE

# A

A Grande Barreira de Coral existe há quase um milhão de anos, muito antes de os primeiros *Homo sapiens* surgirem em África. Durante todo este tempo, cresceu e prosperou, até ocupar uma área quatro vezes maior do que Portugal e tornar-se o *habitat* de milhares de animais marinhos, entre mamíferos, peixes, moluscos. Sobreviveu a todo o tipo de desastres naturais e mudanças no clima.

Hoje, encontra-se seriamente em risco de desaparecer, vítima dos excessos da sociedade moderna. Grande parte das emissões de dióxido de carbono são absorvidas pelo mar, acidificando as águas e assim deteriorando os corais, que necessitam de um pH mais elevado. O aquecimento global, provocado por essas mesmas emissões, está também a aquecer as águas, desencadeando branqueamentos em massa (quando o coral perde os organismos com que vive em simbiose), e a causar tempestades mais intensas, que infligem danos irreparáveis nas estruturas. A poluição decorrente da agricultura, da exploração mineira e de acidentes com navios que passam na região são outras causas da degradação crescente.

Nos últimos 30 anos, a Grande Barreira de Coral perdeu metade dos seus corais, e há investigadores que apontam para a morte de 70% a 90% nas próximas duas décadas. Um estudo do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC) calcula que 90% dos corais de todo o mundo desapareçam se o aumento de



**Mar de lixo** Estamos a verter para o oceano o equivalente a um camião cheio de plástico por minuto

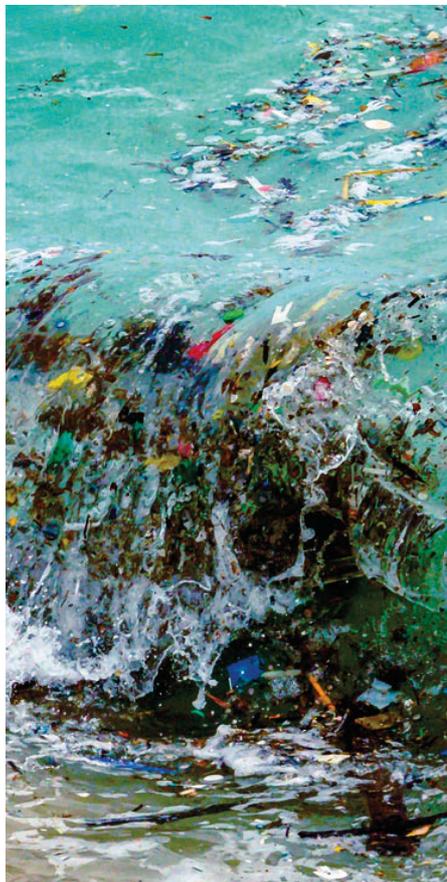
**DEVIDO SOBRETUDO ÀS EMISSÕES DE GASES COM EFEITO DE ESTUFA, PODEMOS PERDER 70% A 90% DOS CORAIS NOS PRÓXIMOS 20 ANOS**

temperatura ultrapassar 1,5 °C, face à média do século XIX. Neste momento, o planeta já está entre 1,1 °C e 1,2 °C mais quente, e as previsões apontam para um aumento bem acima de 2 °C, até 2100. No dia em que os corais se extinguirem, milhares de espécies que dependem deles também desaparecem.

Os corais são o exemplo mais extremo do impacto que o Homem está a causar nos oceanos. Não é o único. Especialistas têm alertado para os efeitos destrutivos das atividades humanas no oceano, com a sobrepesca, a poluição por plásticos e as alterações climáticas a ocuparem o pódio das maiores ameaças à vida nos oceanos. Há soluções. Resta saber se há vontade. E tempo.

**É ILEGAL? É. MAS PODE-SE FAZER**

A FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) estima que 31,4% dos stocks pesqueiros são explorados no limite das suas capacidades ou estão já em situação de sobrepesca. "A pesca continua a ser a maior ameaça direta à biodiversidade, o que se agrava com o lixo marinho e as alterações climáticas, que causam



mudanças na dispersão geográfica, deslocalizando algumas espécies”, diz Gonçalo Carvalho, coordenador executivo da Sciaena, organização não ambiental (ONG) portuguesa dedicada ao ambiente marinho.

O biólogo marinho critica o que apelida de “visão antiquada da gestão das pescas”. “Portugal não tenta valorizar o peixe. Continuamos a lutar por grandes vitórias na quantidade de pescado, mas não é líquido que quotas maiores se traduzam em mais rendimento para os pescadores e uma melhoria da qualidade de vida para as suas famílias. Agora, trouxemos de Bruxelas [do Conselho Europeu de Ministros de Agricultura e Pescas, que decorreu este fim de semana] uma quota gigantesca de carapau, que nem sequer vai ser atingida e baixará ainda mais o preço do produto, quando devíamos estar a tentar subi-lo.” Gonçalo Carvalho defende que se devia pescar “um pouco abaixo do que os pareceres científicos recomendam”, para criar uma folga que compense os impactos das alterações climáticas e da poluição.

Quando se fala de sobrepesca, o

sudeste asiático costuma ser apontado como uma região crítica. Na realidade, apesar de todas as negociações, assentes em critérios científicos, o local mais crítico do mundo é na Europa: no Mediterrâneo, 62% dos stocks encontram-se em situação de sobrepesca. Isto acontece porque uma coisa é a teoria e outra é a prática, acusa a bióloga marinha Sofia Esteves da Silva, coordenadora científica da Sea Shepherd Portugal, a ONG famosa pela sua guerra de décadas contra os baleeiros e que no passado domingo ajudou a organizar, no Terreiro do Paço (Lisboa) uma manifestação contra o comércio de barbatanas de tubarão na União Europeia, que é permitida para espécies não protegidas. “A pesca ilegal continua a ocorrer. Por exemplo, ainda recentemente foram apreendidas barbatanas de tubarão em Sesimbra.”

Este episódio aconteceu em janeiro, quando a GNR descobriu, numa embarcação, 83 barbatanas e 21 quilos de carne de tubarão. A discrepância entre o número de barbatanas e o peixe a bordo indicia que o finning – que consiste em cortar a parte mais valiosa dos animais e devolvê-los ao oceano, onde morrem lentamente – não desapareceu da Europa, apesar de ser ilegal há quase 20 anos, independentemente da espécie. “Mais fiscalização houvesse e mais encontraríamos”, garante a ativista, lembrando que alguns pescadores continuam a praticar o finning porque os animais ocupam muito espaço a bordo e só as barbatanas têm valor comercial (a carne de tubarão serve, essencialmente, para fazer delícias do mar ou ração para animais). “Além disso”, continua, “muitos animais em risco são capturados como se fossem de outra espécie, não protegida, e só análises de ADN permitiriam perceber isso, mas nunca as fazem”.

#### COMEÇAR PELO PRATO

A Sea Sheperd, que advoga o fim das pescas comerciais, não tem um trabalho fácil em Portugal, onde o consumo anual per capita é 60 quilos, mais do dobro da média da UE. “O consumo de peixe está enraizado na cultura portuguesa e é difícil tocar nessas sensibilidades”, confessa Sofia Esteves da Silva. “Os peixes não são vistos como animais.”

A ativista diz que deixou de comer peixe e marisco por uma questão de coerência. “O futuro da Humanidade depende dos oceanos e, quer queira-

## Quem quer um pedaço de mar?

O ministro do Mar apresentou, na semana passada, o despacho que lança o plano de afetação para as energias oceânicas, que vai gerir as concessões nas águas nacionais, integrado na estratégia de descarbonização do País. “Há muita energia nos oceanos”, justificou Ricardo Serrão Santos, apontando para a meta de ter “no mínimo” uma capacidade instalada de 370 MW, entre energia eólica offshore (flutuante) e energia das ondas, e 1,3 GW até 2050. A maioria destas concessões estará na costa a norte de Lisboa, que os peritos consideram ter melhores características para produção de eletricidade a partir do vento e da ondulação. “Portugal tem um potencial muito grande para estas tecnologias, que já passaram a fase experimental e estão hoje provadas. A energia das ondas, por exemplo: a instalação na ilha do Pico é de 1999... Há muitas empresas à espera deste plano”, garantiu o ministro, recordando, no entanto, que ainda se segue um trabalho complexo de compatibilizar cada área concessionada com as pescas e o lazer. Algumas destas concessões serão plataformas multiúso, juntando, no mesmo local, a produção de energia com a aquacultura de peixe e algas. Estima-se que as concessões comecem a ser distribuídas daqui a um ano e meio, depois de terminados o documento técnico, a discussão pública e as avaliações de impacto ambiental. A preparação do plano de afetação para as energias do oceano coube à Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos.



## As três ameaças

O plástico, as pescas e as alterações climáticas estão a destruir os oceanos. Mas a derradeira vítima não é o mar – somos nós

### Poluição por plástico

**8 milhões de toneladas de plástico** vão parar ao mar todos os anos

**80% do lixo encontrado no mar** é plástico descartado

Estima-se que a “Grande Ilha de Plástico do Pacífico” tenha **1,8 biliões (milhões de milhões) pedaços de plástico**

**Metade das tartarugas marinhas** já terá ingerido plástico

Entre **60% e 90% das aves marinhas** já comeram plástico

Um estudo em mercados da Califórnia **encontrou plástico dentro de 25% dos peixes** analisados

### Pescas e biodiversidade

**31,4% dos stocks pesqueiros** estão no limite ou em situação de sobrepesca. **13%** já entraram em colapso

**14% dos corais** já desapareceram

**Um terço das espécies de tubarões e raias** está em risco de extinção devido à sobrepesca

Há cerca de **4 milhões de barcos de pesca** a operar nos mares

170 países comprometeram-se a proteger 30% das suas áreas marinhas (e terrestres) até 2030; **atualmente, apenas 1% do mar é protegido**

**Mil milhões de pessoas** têm no peixe a sua principal fonte de proteína

### Alterações climáticas

A cada década que passa, o Ártico **tem menos 13% de gelo marinho** do que na anterior

**Os oceanos absorvem um quarto de todo o dióxido de carbono** emitido pelas atividades humanas

O nível médio do mar já **subiu entre 21 e 24 centímetros** desde 1880, dos quais 9 centímetros desde 1993

A subida do nível do mar foi **mais do dobro entre 2006 e 2015** do que a média do século XX

Em algumas regiões dos EUA, inundações durante as marés altas são até **nove vezes mais frequentes** do que eram na década de 70

Mesmo com um corte drástico nas emissões, o nível do mar **deverá subir 15 a 30 centímetros nos próximos 30 anos**

Em 2050, as vidas de **mil milhões de pessoas serão afetadas** pelo aumento do nível do mar

FONTE: IUCN, Ocean Conservancy, WWF, FAO, IPCC, NOAA, Comissão Europeia

AR/VISÃO

mos, quer não, começa no prato. Não podemos apontar o dedo aos governos e às empresas se não começarmos por nós próprios. Além disso, nós, no mundo ocidental, não morremos se deixarmos de comer peixe. Quando nos damos ao luxo de comer 10 ou 20 sardinhas num almoço, estamos a tirar alimento a comunidades pobres que não têm outra opção. Nós temos.”

A aquacultura tem tentado impor-se como alternativa à pesca, ainda que esbarre num problema: os peixes comem... peixe, pelo que grande parte das rações são de pescado de mar. Mas isso está a mudar, assegura Elisabete

## EM 2100, HAVERÁ, PELO MENOS, MAIS 80 MILHÕES DE PESSOAS A VIVER EM ZONAS INVADIDAS REGULARMENTE PELO MAR

Matos, coordenadora técnico-científica do Laboratório Colaborativo para a Bioeconomia Azul. “A aquacultura é cada vez mais responsável e sustentável. A investigação de dietas saudáveis para os peixes tem melhorado muito, de modo a termos menos farinhas à base de peixe selvagem. Atualmente, 30% da ração usada na Europa já é de subprodutos da indústria, nomeadamente conserveira, e de capturas acessórias de peixe sem valor comercial. Também já se usam ingredientes de base vegetal, e começam a chegar as alternativas: insetos, microalgas... A aquacultura contribui para uma redução das pescas.”

### O NOSSO “CAIXOTE DO LIXO”

Por um lado, esvaziamos o oceano de peixe; por outro, enchemo-lo de plástico. Entre o dever e o haver, um relatório da Fundação Ellen MacArthur calcula que, em 2050, haverá mais plástico do que peixe, no mar. Apesar de haver incertezas sobre a previsão, a tendência é esta, atendendo a que, por minuto, o equivalente a um camião cheio de plástico é vertido nas águas. “Andamos há décadas a tratar os oceanos como um caixote do lixo. As pessoas deviam pensar nisso no seu dia a dia, quando escolhem o que consomem. Temos de olhar para o mar como a biosfera que nos mantém vivos”, diz Gonçalo Carvalho, da Sciaena.

Face à inconsistência de medidas estruturais de combate à poluição nos mares – que, na UE, não foram muito além da proibição da maioria dos plásticos de uso único –, a sociedade civil tem-se esforçado por ajudar a resolver o problema, multiplicando-se as ações de limpeza de praias. Os resultados dão uma amostra da gravidade do problema: em novembro, uma iniciativa da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA) na ilha Deserta, ao largo de Faro, redundou numa tonelada de lixo recolhido em apenas três horas.

Por cada tonelada que sai, muitas mais entram, pelo que o ataque tem de ser feito a montante, não a jusante. “A conservação do oceano é muito complicada, porque as pessoas não sentem os problemas na pele, da mesma forma que a poluição em terra ou em água doce”, explica Rita Sá, bióloga marinha e coordenadora de Oceanos e Pescas da WWF. “É preciso um trabalho constante de envolvimento com as comunidades. Temos dado um grande



## VISÃO VERDE



### Contagem decrescente

Um terço dos stocks pesqueiros estão no limite das suas capacidades ou sobre-explorados

ênfase a isto, do local para o global e vice-versa.” A conservacionista dá, como exemplo, o projeto Porto Santo Sem Lixo Marinho, cofinanciado pelo Programa Ambiente dos EEA Grants, uma parceria da WWF com entidades regionais, empresas e população para fazer de Porto Santo a primeira ilha livre de plástico. “Este é um novo paradigma, em que a tomada de posição deixa de ser de cima para baixo, implementando-se medidas de gestão em envolvimento com as comunidades”, descreve Rita Sá.

O problema do consumo, no entanto, não se resume à poluição por plástico. O mar é a autoestrada que liga todos os cantos deste mundo globalizado em que vivemos – e o tráfego tem impactos cada vez maiores na vida marinha. “Devíamos consumir coisas produzidas perto de nós, não no outro lado do planeta”, lembra Gonçalo Carvalho. “O transporte marítimo

## Guia do peixe sustentável

### Recomendações para fazer a escolha certa, na peixaria

- ▶ Optar por peixe certificado, com o selo MSC (para peixe selvagem) ou ASC (aquacultura)
- ▶ Evitar “peixe bebé” (como jaquinzinhos ou petingas), que ainda não cresceu o suficiente para se ter reproduzido pelo menos uma vez
- ▶ Ver, no rótulo, a arte de pesca utilizada. O arrasto é das mais destrutivas, por ter contacto com o fundo do mar
- ▶ Diversificar – consumir peixes diferentes e pouco conhecidos. O carapau e a cavala também são escolhas sustentáveis
- ▶ Pôr de lado os preconceitos: em testes cegos, a maior parte das pessoas não distingue peixe de mar de peixe de aquacultura

provoca colisões com baleias e ruído subaquático, com consequências muito negativas para a vida subaquática. A somar a isso, há a questão das emissões.”

Das ameaças aos oceanos, o aquecimento provocado pelos gases com efeito de estufa é o que pode afetar mais a Humanidade. O IPCC estima uma subida do nível do mar de 44 a 76 centímetros num cenário intermédio de emissões e até 110 centímetros num de emissões elevadas (e saiu um estudo este ano a considerar estes cenários conservadores, apontando para subidas muito superiores). Não parece muito, mas cada centímetro a mais ou a menos conta. Uma investigação publicada na *Science* estima que um aumento do nível do mar de dez centímetros deixe dez milhões de pessoas em risco de inundações costeiras. Outro estudo, na *Nature*, conclui que, mesmo num cenário (cada vez mais improvável) de baixas emissões, no final do século teremos um acréscimo de 80 milhões de pessoas a viver em zonas invadidas regularmente pelo mar. O que acontece aos oceanos não fica nos oceanos. [tribeiro@visao.pt](mailto:tribeiro@visao.pt)